

## Pavimentos musivos<sup>1</sup>

LICÍNIA NUNES CORREIA WRENCH

### Mosaico da Sala I do Edifício A

O pavimento musivo da sala I (Figs. 1-3) apresenta dois painéis justapostos, estando visível um deles em cerca de 2m x 1,75m e o outro apenas em cerca de 1m x 0,75m. As tesselas estão bem talhadas, com cerca de 1cm de lado. Os esquemas compositivos usados nos dois painéis são perfeitamente distintos. O melhor conservado é enquadrado, nos três lados visíveis, por uma larga faixa de tesselas vermelho escuro (Munsell: 10 R 4/2)<sup>2</sup> à qual se sobrepõe uma estreita faixa de quatro fiadas de

tesselas cinzento azulado (Munsell: N 6). O padrão desenvolvido define-se como uma *composição em favo* (Viegas *et al.*, 1993: favo), ortogonal, com hexágonos concêntricos, irregulares, apresentando, os exteriores, 10cm nos dois lados paralelos opostos e 12cm nos quatro restantes. Ambos os hexágonos são desenhados por um filete de uma linha de tesselas cinzento azulado, sobre um fundo branco (Munsell: 5 YR 8/1). Os hexágonos interiores são preenchidos por tesselas vermelho escuro e centralizados por um quadrado denteado de quatro tesselas (diamante) de cor branca com uma tessela central cinzento azulado.

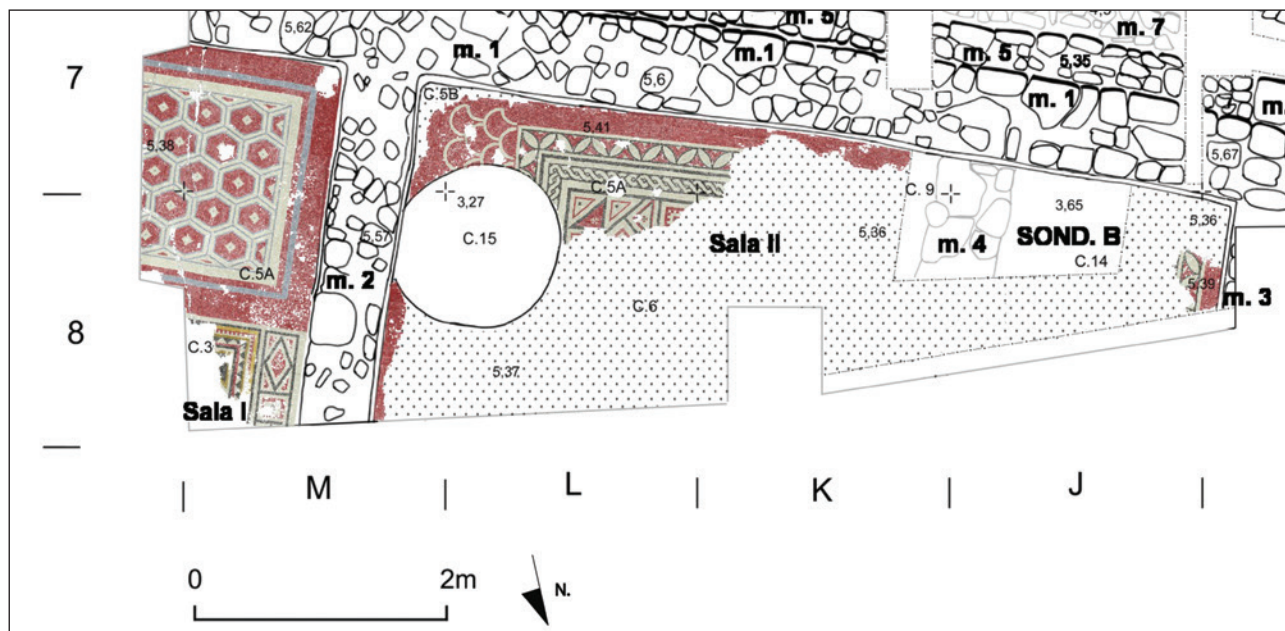


Fig. 1 - Rua António Joaquim Granjo. Implantação dos pavimentos musivos na planta das estruturas da Época Romana postas a descoberto.

1 - Texto extraído e adaptado de Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2015.

2 - A identificação das cores, de acordo com a tabela Munsell, foi realizada pelo CEA do MAEDS.

As figuras das linhas de queda (Viegas *et al.*, 1993: linha de queda) são, do lado maior, triângulos concêntricos, o interior preenchido com tesselas vermelho escuro e, do lado menor, meios hexágonos, também concêntricos, preenchidos de modo similar aos hexágonos do campo, com meio diamante ao centro.

Este painel é seguido de outro, muito danificado, que apresenta, num fundo branco, uma larga faixa exterior, na qual se desenhou o que seria uma linha de retângulos na horizontal e de quadrados adjacentes. Apenas são visíveis as duas primeiras figuras, desenhadas por um filete duplo negro (Munsell: N3 e N2). O retângulo (50cm x 25cm) apresenta, inscritos sobre o vértice, dois losangos encaixados, sendo o menor preenchido por tesselas de cor vermelho escuro, com uma cruzeta de um filete denteado branco ao centro. Os quatro triângulos residuais apresentam também o encaixe de outros triângulos preenchidos a vermelho escuro. O quadrado, na sequência, apresenta igualmente outro quadrado encaixado, preenchido a vermelho escuro e centralizado por um pequeno diamante (?). O campo deste tapete, do qual é apenas visível o canto, com uma forma triangular concêntrica em oposição de cores, apresenta-se enquadrado por uma série de estreitas bandas e de filetes em sequência: um filete duplo negro, um filete de três linhas de tesselas amareladas (Munsell: 5 Y 7/4), um filete denticulado em oposição de cores vermelho e branco, um filete de duas linhas de tesselas de cor castanho amarelado (Munsell: 10 YR 5/4), uma banda composta por uma linha de dentes de serra (Viegas *et al.*, 1993: dentes de serra) em oposição de cores branco e negro, seguida de dois filetes de duas linhas cada, um de tesselas em vermelho escuro e outro de tesselas negras.

Relativamente ao historial do esquema compositivo à base de hexágonos, refira-se que este surge em Pompeios num pavimento em *opus sectile* do

séc. I a. C. e que composições em favo são usadas e divulgadas em *opus tessellatum*, sobretudo, a partir da época de Augusto.

A sua grande expansão ter-se-á dado, eminentemente, nas Províncias Ocidentais e a cronologia da sua ocorrência é assaz ampla. Por exemplo, na *Hispania*, em Mérida, a composição em favo surge na «Casa do Mitreo», em um mosaico bicromático datado do II<sup>3</sup> e, na mesma cidade, em um mosaico igualmente a branco e negro, proveniente da «Calle de Masona», cuja datação poderá ser do sec. II, mas também da segunda metade do séc. IV, visto ter sido encontrado junto ao de «*Paulus Nica*» com esta cronologia<sup>4</sup>. A propósito de outro mosaico com este esquema compositivo, proveniente de Comunió, J. M. Blazquez aponta paralelos, para além do supra referido e entre outros, das Gálias Lionesa e Narbonense, de Carpentras, da primeira metade do séc. III<sup>5</sup>.

Estabelecendo algumas comparações entre o painel em favo de *Caetobriga* e alguns dos pavimentos musivos das diferentes casas de *Conimbriga*, verificamos a existência de várias composições de superfície à base de hexágonos. Na «Casa de Cantaber», dos vários mosaicos, *in situ*, datados do século II/III (Abraços, 2005, Inventário, 28-57; Oliveira, 2005, 48-68), o mais próximo, em termos de composição, do painel da Sala I, será o que decora uma das alas do *peristylum* central (Oliveira, 2005, n° 33, Peristilo C10), mas a predominância das tesselas negras e brancas, bem como o preenchimento dos hexágonos com trevos e círculos afastam-no do de *Caetobriga*. Também na «Casa dos Repuxos» foram largamente utilizadas composições em hexágonos adjacentes determinando quadrados, em mosaicos datados de finais do séc. II, inícios do III. A título de exemplo refira-se o painel de um *cubiculum* (lado sul da casa) composto por hexágonos oblongos resultantes de uma composição de octógonos, com cír-

3 - CME I, n° 18, lám. 40, p. 38-39, Casa do Mitreo, sala do lado norte do peristilo.

4 - CME I, n° 43, lám. 76a, p. 45.

5 - CME V, n° 8, Fig. 17, p. 17.



Fig. 2 - Rua António Joaquim Granjo. Pavimento de mosaico da Sala I do Edifício A. Dimensão média das tesselas: 1cm.

culos incluídos nos hexágonos, jogando-se com três diferentes cores (Oleiro, 1992, 91-93, mosaico nº 5; Pessoa, 2005, 382 e 388, Fig. 25d). Estas composições, porém, afastam-se, pela linguagem estilística idiossincrática da possível oficina que operou nesta *domus* conimbrigense, do estilo do painel da Sala I de *Caetobriga*. Em contrapartida, são alguns dos mosaicos das outras duas casas que apresentam uma linguagem cromático-estilística, com largo uso do calcário vermelho escuro, mais próxima da seguida nos dois mosaicos de pavimento das Salas I e II do Edifício A de *Caetobriga*. Os dois painéis do pavimento do *peristylum*, *in situ*, da «Casa da Cruz Suástica», das alas este e sul, apresentam composições à base de hexágonos. Um dos painéis, com os hexágonos rodeados de triângulos e quadrados, atribuível à 2ª metade do séc. III (Correia, 2003, 25; Oliveira, 2005, nº 17.4 Ala sul B 10 C), usa calcários de cores: branco, preto, amarelo e vermelho, jogando com as

diferentes colorações para a percepção forma/fundo e apresenta alguns hexágonos centralizados por um quadrado denteado, dividido por cruzeta; o outro, com a mesma datação (Correia, 2003, 25; Oliveira, 2005, nº 17.3 Ala este B 10 D), compõe-se por hexágonos concêntricos, adjacentes a losangos em oposição de cores. É ainda nesta casa que o pavimento de uma das salas, identificada como *cubiculum* (ou sala de aparato?), igualmente datado da 2ª metade do séc. III (Correia, 2003, 25; Oliveira, 2005, nº 23 *Cubiculum* B 12)<sup>6</sup>, mostra uma composição em favo com os hexágonos rodeados por grinalda de loureiro, com largo uso do calcário vermelho escuro. O seu estilo é, porém, muito mais sobrecarregado do que o painel da Sala I do Edifício A de *Caetobriga*. Neste painel, ainda que o jogo de cores utilizado bem como o encaixe e destaque dos centros dos hexágonos pelos diamantes contribuam para uma maior complexidade do esquema em favo bicromático, mais comum

6 - Refira-se que os mosaicos desta Casa são datados do séc. III/IV em Abraços, 2005, Inventário, 9-20, com referência a Silva, 2002.





Fig. 3 - Rua António Joaquim Granjo. Pormenor do mosaico da Sala I do Edifício A.

na época alto imperial, existe grande linearidade no seu desenho e pouca sobrecarga decorativa. Com efeito, o padrão em favo, tal como ocorre nesta sala, parece ser único no conjunto dos mosaicos pavimentais do actual território português.

Ainda sobre o mosaico da Sala I, refira-se que o painel justaposto ao da composição em favo, muito destruído, apresenta uma sequência de molduras e cores: branco, preto, vermelho, amarelo e castanho amarelado, que podemos encontrar num mosaico actualmente exposto à entrada das ruínas (Oliveira, 2005, nº 60)<sup>7</sup>. Também, nas sucessivas faixas de enquadramento que este mosaico apresenta, surgem uma banda em dentes de serra, em oposição de co-

res, e filetes denticulados, tal como no mosaico de *Caetobriga*. Segundo Bairrão Oleiro, as faixas de triângulos, muito frequentes na musivária romana, parece terem sido particularmente preferidas em Antioquia e o uso das orlas denticuladas terá sido introduzido e usado, especialmente, no século II, embora prosseguindo ao longo do III. Este mosaico é datado pelo autor no final da época antoniniana (Oleiro, 1973, 34; 40; 44).

A existência de dois painéis justapostos, com padrões diferenciados, leva-nos a atribuir à Sala I do Edifício A a funcionalidade de *cubiculum*, embora o tratamento decorativo, policromático, do painel em favo e a sua extensão nos sugiram também a possi-

7 - O referido mosaico corresponde a um pavimento posto a descoberto em finais do século XIX, em escavações dirigidas por António Augusto Gonçalves. O aprofundado estudo deste mosaico, realizado por João Manuel Bairrão Oleiro em 1962, foi publicado em 1973 (Oleiro, 1973, mosaico nº 2, p. 26-44, est. V).

bilidade de se tratar de um *oecus* mais relacionado com a área social desta *domus*.

## Mosaico da Sala II do Edifício A

O mosaico posto a descoberto na Sala II da mesma casa, com uma gama cromática de apenas 3 cores (Fig. 4), mostra, igualmente, a predominância de tesselas calcárias vermelho escuro, quer na faixa longitudinal de ligação à parede quer como fundo de uma larga zona em ângulo com esta. Nesta zona, são desenhadas por filete duplo de tesselas brancas três fiadas de escamas adjacentes. Estas, em composição ortogonal, apresentam a particularidade de não serem limitadas por moldura, ultrapassando em um dos lados a cercadura exterior do tapete propriamente dito. Esta cercadura, também de fundo vermelho, é decorada por uma linha quebrada de fusos com triângulo denteado encaixado (Le Décor I, Pl. 45 i), sendo os fusos preenchidos por tesselas brancas. A esta faixa exterior, seguem-se três filetes com alternância das cores branca e negra e outra faixa interior decorada com trança de duas pontas, em oposição de cores, branco e negro (Le Décor I, Pl. 70d): trança desenhada por um filete simples negro e preenchida com tesselas brancas.

Da composição geométrica do campo do tapete, podem ver-se triângulos, resultantes de um esquema compositivo que nos sugere uma *dupla quadrícula direita e oblíqua* (Le Décor I, Pl. 126). Três dos triângulos visíveis são concêntricos e outro é preenchido por tesselas vermelhas, apresentando dois deles, como decoração interior, um pequeno quadrado de quatro tesselas negras e, outros dois, uma florinha. Outro possível triângulo, do qual se vê o ângulo recto, é desenhado por denticulado em oposição de co-

res branco e vermelho. Esta composição geométrica poderia ser similar à realizada em um dos painéis do mosaico da Sala I, anteriormente referido.

Encontramos uma decoração que se poderia aproximar desta composição geométrica em um fragmento de mosaico proveniente de Braga, S. Martinho de Dume, conservado no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, com a referência 1992 0431 (Abraços, 2005, Anexo I: 12-13). Neste fragmento, aparecem igualmente utilizadas as cores: negro, branco, amarelo e vermelho. Este fragmento de mosaico foi datado, com reservas, do séc. III/IV (Fontes, 1987, p. 117-148).

Quanto à composição em escamas, que surge no mosaico da Sala II apenas em quatro fiadas de semicírculos sobrepostos em alternância, de traçado muito linear e sem qualquer adorno, parece preceder realizações mais sobrecarregadas do mesmo esquema em alguns mosaicos provenientes de *uillae* do território português ou em mosaicos norte-africanos, onde é muito frequente<sup>8</sup>.

## Proposta de datação dos mosaicos das Salas I e II do Edifício A

Os materiais arqueológicos do século I, pertencentes ao primitivo edifício romano, encontrados nas camadas que serviram de assentamento dos pavimentos em *opus tessellatum* das Salas I e II, poderão servir de *terminus post quem* para a sua realização.

Não obstante, as características estilísticas apontadas e a comparação com outros mosaicos, nomeadamente os das diferentes *domus* de Conimbriga, levam-nos a poder situá-los, cronologicamente, na primeira metade do século III<sup>9</sup>. Pensamos, também, que estes dois pavimentos musivos foram

8 - CME III, p. 55. J. M. Blazquez aponta exemplos de Timgad, Thysdrus de finais do séc. III, Líbia, Zliten, a propósito de um mosaico (nº 36, lam. 90), no Museu Arqueológico de Córdoba, datado do séc. IV. O mesmo autor, em CME V, p. 13, sobre um mosaico de Comunió, também com este esquema, conhecido por desenho na Real Academia de História, refere a amplitude cronológica do uso deste tema geométrico, com exemplos de Itália desde a primeira metade do séc. II até ao séc. IV.

9 - Nos artigos já publicados, considerámos os finais do séc. II, inícios do III para a cronologia destes dois mosaicos. Presentemente, por uma análise comparativa mais aprofundada, consideramos ser esta a cronologia mais provável para a sua realização





Fig. 4 - Rua Antônio Joaquim Granjo. Pavimento de mosaico da Sala II do Edifício A. Dimensão média das tesselas: 1cm.



realizados, se não pelos mesmos mosaicistas, pela mesma oficina que conhecedora dos padrões antigos os tratou de forma criativa e com boa técnica, usando a policromia.

## Bibliografia

- Abraços, M. de Fátima (2005) - *Para a história da conservação e restauro do mosaico romano em Portugal* (unpublished Ph.D. dissertation). Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Blazquez, J. M. (1981) - *Corpus de mosaicos de España. Mosaicos romanos de Cordoba, Jaen y Malaga*. Fascículo III, Madrid: Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro» del CSIC (= CME III).
- Blazquez, J. M. (1982) - *Corpus de mosaicos romanos de España. Mosaicos romanos de la Real Academia de la Historia, Ciudad Real. Toledo, Madrid y Cuenca*. Fascículo V. Madrid: Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro» del CSIC (CME V).
- Blazquez, J. M.; Ortego, T. (1983) - *Corpus de mosaicos romanos de España. Mosaicos romanos de Soria*. Fascículo VI. Madrid: Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro» del CSIC (= CME VI).
- Correia, V. H. (2003) - *Conímbriga. Guia das ruínas*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Fontes, L. (1987) - Salvamento arqueológico de Dume - 1987. Primeiros resultados. *Cadernos de Arqueologia*, 2, p. 117-148.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conímbriga encontrados durante as sondagens de 1899. Sep. *Conímbriga*, XII.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus, I, Conímbriga - Casa dos Repuxos*. Conímbriga: IPM/MMC (= Corpus I).
- Oliveira, Cristina (2005) - *Mosaicos de Conímbriga. X Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (29 de Outubro - 3 de Novembro 2005)*. Conímbriga: Museu Monográfico.
- Pessoa, Miguel (2005) - Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das *ciuitates* de *Aeminium* e de *Conímbriga*, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2), p. 363-401.
- Silva, Ana Luísa (2002) - *Mosaicos romanos do Museu Monográfico de Conímbriga* (unpublished report). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Wrench, L. N. C. (2015) - Mosaicos romanos de Setúbal. Exemplo de excelência da arte musiva urbana na periferia do mundo romano ocidental. *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo.
- Viegas, C.; Abraços, F.; Macedo, M. (1993) - *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano*. Conímbriga: Liga dos Amigos de Conímbriga.

